O FALECIMENTO DE BERNARDO DE OLIVEIRA

Mucio Leão

Bernardo de Oliveira, numa fotografia dos últimos tempos

Nota biográfica sobre Bernardo de Oliveira

Bernardo de Oliveira nasceu, em Palmital de Saquarema, em 1861, e era filho do comerciante José Mariano de Oliveira e d. Ana Ribeiro de Mendonça. Tinha 17 anos, quando seus pais, em companhia de seus outros dezessete filhos, se mudaram de Palmital de Saquarema para Itaboraí.

Bernardo, que fizera o seu curso primário em Palmital de Saquarema, na escola do Professor Eduardo Augusto de Almeida, estava então trabalhando no comércio em sua cidade natal. Por esse motivo não acompanhara os pais, permanecendo em Saquarema.

Em 1880 já sua familia se achava residindo em Niterói. E' então que ele vai encontrá-la.

A familia Oliveira está fixada no bairro da Engenhoca, e Alberto de Oliveira — um dos filhos de José Mariano de Oliveira — mantem ali um curso particular. Bernardo matricula-se nesse curso, para estudar com o irmão, que já é um poeta consagrado.

Dando por findos os seus estudos, Bernardo obtem um emprego de telegrafista da Estrada de Ferro Lepoldina, em Porto Novo do Cunha. Casa-se com uma das filhas do consul Silveira Lobo, sobrinha do republicano histórico Aristides Lobo.

E' a esse tempo um grande entusiasta dos esportes, e é dificil vencê-lo na luta de pegar braço; tem a paixão da briga de galos e a do tiro ao alvo.

Em 1893, entra no Batalhão Tiradentes, e é um ardente defensor do regime republicano, ao lado de Floriano Peixoto.

Foi nessa fase que alcançou, no campo da luta, o seu titulo de Major.

Entrou, depois, para o Ministério da Viação, como terceiro oficial. Fez a carreira ao lado de Machado de Assis e Artur Azevedo, escritores de quem foi grande amigo. Ali chegou a diretor geral de Contabilidade, cargo em que se aposentou.

O sr. Alvaro Machado, tabelião em Araruama, fez publicar, no Correio da Manhã de 6 do corrente, uma nota cheia de informações acerca da biografia de Bernardo de Oliveira. Ali dá ele noticia de que Alberto de Oliveira fizera, em 1904, um poema a seu próprio respeito e a respeito dos seus 17 irmãos. Sobre Bernardo havia, nesse poema, uma parte que o sr. Machado transcreveu com a supressão de alguns versos. Pedimos venia para reproduzir aqui essa parte do documento publicado, em que Alberto de Oliveira celebrava as façanhas do Bernardo:

"Tão forte, nem tão galhardo
Ninguem vi como Bernardo!
Era Hercules e era Amor!!
Hercules na força bruta,
Amor na mimosa luta
Própria do Deus tentador.

Desde Niterói à Gavea,

.. ..
.. ..

E tantas outras que havia,
Cada qual (tolas) bebia
Sequiosa por ele os ares.

E ele a breves intervalos,
A apostar brigas de galos,
A pegar braços, o herói!
E sua fama a alastrar-se
Com Tridades, Maíra e Harce
Por Barreto e Niterói.

Como branqueia depressa
Mesmo aos heróis a cabeça!
Bernardo, válido e gros o,
Vai rapido envelhecendo;
Já as brancas lhe vão nascendo
Da "sinagoga" ao pescoço.

.. ..

Meu amigo Bernardo de Oliveira — o major Bernardo — faleceu numa sexta-feira, 1 do corrente, quando começava a madrugar. Estou que ele fez questão de esperar pela mais bela hora do dia, para ir, assim, envolto na tênue luz da alvorada, iniciar a misteriosa peregrinação que nos espera a todos.

Era um espirito generoso, com o seu tanto de quixotismo, era um coração forrado dos mais nobres sentimentos, o velho poeta que baqueou. Tinha oitenta e dois anos, e pertencia a uma familia admiravel, todas de gente sólida no coração, na alma e no corpo.

No ano remoto de 1848 casaram-se José Mariano de Oliveira e D. Ana Ribeiro de Mendonça. No seu lar nasceram 7 filhos. Trabalhador e pobre, José Mariano fixou-se primeiramente em Palmital de Saquarema, no Estado do Rio, e foi ali que lhe nasceram todos ou quasi todos os filhos. Mais tarde, já com a criançada crescida, vem morar em Engenhoca, um arrabalde de Niteroi. E' aqui, na casa da Engenhoca, que encontramos um verdadeiro salão literário, digno de estudo. A casa está cheia de poetas e de poetisas. O maior de todos é Alberto de Oliveira, que dominou com o seu gênio um momento da poesia nacional. Seguem-se Amelia de Oliveira, a noiva de Olavo Bilac, que tem um imenso pavor dos seus versos; e Adelia, que tambem nada publica; e os poetas: Joao Ribeiro de Oliveira, professor e autor de versos satiricos; e José Mariano de Oliveira, parnasiano, que escreveu com o pseudônimo de Mario, e do qual nos restaram varios livros, entre os quais o drama Heloisa, não há muito publicado; e Candido Mariano de Oliveira, e Mariano de Oliveira e Saturnino de Oliveira, e Alfredo Mariano de Oliveira, e Luiz de Oliveira.

— o O o —

Entre esses rapazes — sendo o setimo da irmandade, colocado entre Mariano e Saturnino — estava Bernardo de Oliveira.

Quando o conheci, há poucos anos, ele ainda parecia bem rijo, não obstante caminhar para os oitenta. Já era surdo, o que dificultava a sua conversa; já trabalhado pelo reumatismo, tinha uma perna doente; e já, trabalhado pela esclerose, tinha uma memória não raro periclitante.

Entretanto, normalmente, como era rica a sua memória, como era perenda das sedutoras imagens do sonho e da poesia!

Na mocidade tinha ti o duas paixões — a da poesia e a do seu predileto esporte, o tiro. E agora sua imaginação continuava cheia desses dois velhos amores. Quanto à poesia, creio que, nos tempos da boa memória, ele saberia de cor todos os seus sonetos, todos os sonetos dos seus irmãos, os gloriosos e os obscuros, todos os sonetos dos seus amigos. E tinha carinhos particulares em recordar alguns companheiros mais queridos... Tinha-o para lembrar Machado de Assis e Artur Azevedo, dos quais havia sido fraternalmente colega durante anos, no Ministério da Viação. E tinha-o para lembrar Olavo Bilac, que ele aproximara de Alberto, que ele apresentara a Machado de Assis, ouvindo, por sinal, do grande romancista, a seguinte observação, feita depois que Bilac se despedira: "Esse seu amigo tem cara de burro..." E tinha-a tambem para Adelino Fontoura, e para Emilio de Menezes, e até para outros escritores, inteiramente esquecidos, sem glória e sem talento, como um certo poeta que se assinava Guil. Mar. e que existiu no Rio, e deixou esparsa em jornais e revistas, umas produções deficientes, espécie de sub-literatura tribal, como a classificaria o mestre João Ribeiro.

Essa paixão pela poesia levava o velho Bernardo às suas piedosas evocações da vida na casa da Engenhoca — onde ele fora moço e onde vivera cercado de outros poetas. Em suas saudades passavam as figuras de Raimundo Correia e Raul Pompeia, Aluizio e Artur Azevedo, Afonso Celso Guimarães Passos e Lucio de Mendonça, Parcal Mallet e Valentim Magalhães, Alberto Silva, Rodrigo Otavio e Silvestre de Lima, e tantos outros.

— o O o —

A outra grande paixão de sua vida fora o tiro ao alvo. [illegible] tuo foi, na mocidade, [illegible] dor de não sei quantos [illegible] e ainda agora [illegible] não admitia que [illegible] de revolver, [illegible] na ou de canhão, [illegible] de tomar [illegible] não aquele que [illegible] Seu titulo de [illegible] obtido em razão [illegible] tud no campo [illegible] dedicando a [illegible] do ao serviço da [illegible] a sua vida, a sua [illegible] portanto...

A esse propósito, [illegible] agora certa passagem [illegible] sua conversa. — O [illegible] nado passava em Friburgo, [illegible] colocado [illegible] alguém, que ele [illegible] Acabara o Brasil [illegible] guerra, e havia [illegible] sobre a [illegible] nossos cidadãos. Com [illegible] lugar e em uma [illegible] se achava o [illegible] fez esta observação:

— Para o Bernardo [illegible] pode ser melhor; ele [illegible] seu sitio em Friburgo, e [illegible] recolher-se lá, se houver [illegible] a espectativa de algum [illegible]

Ele ergueu-se, incisivo e indignado:

— Sitio?... Fique sabendo, meu amigo, que eu vou e [illegible] ao ministro da Guerra que enquanto possuir um braço [illegible] faço questão de ter a minha disposição é um canhão para matar esses bandidos todos.

Deu-me satisfação ver aquele octogenário de aspecto [illegible] óculeo, ainda sonhando entrar na ardente atmosfera da [illegible]

Não sei se foi nesse mesmo dia que assisti a outro episodio interessante, que bem revela a personalidade de Bernardo de Oliveira. Estivera ele sentado, em conversa comigo, na redação de AUTORES E LIVROS, e quando ia erguer-se para se despedir, a sua perna enferma vacilou; ia cair, e eu o ajudei, segurando-lhe o braço. Ele corrigiu a postura, sorriu amargo, e fez esta observação:

— E' isto mesmo, meu amigo! Quando a gente começa a envelhecer, tudo nos acontece.

— o O o —

Encerrando esta pagina de saudade, quero deixar aqui uma amostra do que foi o talento desse velho poeta, irmão de poetas. Bernardo de Oliveira era um lirico cheio de ternura, e era sobretudo um grande apaixonado da forma verbal. Reuni para este número de AUTORES E LIVROS o material poético que dele pude encontrar, e se verá com que apuro ele tratava a sua arte, e se verá tambem a ardente inspiração com que ele cantava às suas amadas.

A MORTE DE HEITOR

A OLAVO BILAC

Heitor vai arrastando, soltos os negros
cabelos, rocando a poeira a fronte
outrora cheia de graça...

Iliada — Canto XXII

Andromaca soluça; Hecuba, entanto,
O peito rasga em lúgubres lamentos! —
Geme Cassandra — que cruéis tormentos! —
Erguendo aos céus o olhar lavado em pranto.

Priamo, o velho rei, cheio de espanto,
Convulso brame, e arranca os nevoentos
Hirtos cabelos, que dispersa aos ventos,
Pranteando o filho a quem amava tanto.

Borrifada do sangue das batalhas,
A multidão vencida, a carne rota,
Chega, gemendo, à cima das muralhas.

E vê no campo, longe, o herói sagrado,
— A alma de Troia — em direção da frota,
Pelo carro de Aquiles arrastado.

("Semana" 2-10-1886).

PASSEIO MATINAL

Temos ar, temos luz, vamos, querida,
Por estes campos fora, em devaneio;
Há flores no gramado, e o doce enleio
Das aves a cantar; há sol e há vida.

Que formosa manhã! Tudo convida,
Em dia assim, a um rústico passeio...
E não te assalte o minimo receio,
Que as serpes por aqui não teem guarida.

— Como te fica bem esta sombrinha!
E ela salta, e ela ri, cantando, e grita,
E a apanhar borboletas vai, caminha.

Nunca a vi, como agora, tão bonita!
Nem senti como agora não ser minha
Aquela que o meu ser enleva e agita.

(AUTORES E LIVROS — 8-3-942)

APERTO DE MÃO

Na minha grossa mão, rude e calosa,
Detive há pouco a sua mão de neve;
Quase quebrei aquele brinco leve,
Quase esmaguei aquela fragil rosa

E mais vivi naquele instante breve,
— Breve instante de vida esperançosa —
Do que hei vivido e que viver se deve
Numa longa existência tormentosa.

E quís beijar aquela mão... Tremia
Tanto, porém, de estar na minha presa,
Que a deixei livre, como ser queria.

Sinto agora minha alma em fogo acesa ..
Porque fizeste tu — que fantasia!
Mãos como aquela, oh! grande Natureza!

(AUTORES E LIVROS — 8-3-942)